

tieta do agreste

JORGE AMADO



Posfácio de Lilia Moritz Schwarcz



Copyright © 2009 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1977

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas, Elisa Cardoso e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Carmen Azevedo/ Reminiscências e Bete Capinan

Imagens de capa ©Maureen Bisiliat/ Acervo Instituto Moreira Salles (capa);
© Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Zélia Gattai Amado/
Acervo Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para
determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível.
Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Cacilda Guerra

Revisão Veridiana Maenaka e Lucas Carrasco

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens
e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem
a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Tieta do Agreste / Jorge Amado ; posfácio de Lília Moritz Schwarcz.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1404-7

I. Romance brasileiro. II. Schwarcz, Lília Moritz. III. Título.

09-00427

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Estúdio OLM

Papel Pólen Soft, Suzano Papel e Celulose

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br



TIETA DO AGRESTE
PASTORA DE CABRAS

OU

A VOLTA DA FILHA PRÓDIGA,
MELODRAMÁTICO FOLHETIM
EM CINCO SENSACIONAIS EPISÓDIOS
E COMOVENTE EPÍLOGO:
EMOÇÃO E SUSPENSE!

SILÊNCIO E SOLIDÃO, O RIO PENETRA MAR
ADENTRO NO OCEANO SEM limites sob o céu despejado, o fim e o
começo. Dunas imensas, límpidas montanhas de areia, a menina corren-
do igual a uma cabrita para o alto, no rosto a claridade do sol e o zunido
do vento, os pés leves e descalços pondo distância entre ela e o homem
forte, na pujança dos quarenta anos, a persegui-la.

Arfando, o homem sobe, o chapéu na mão para que não voe e se perca.
Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo
fio de navalha, o vento corta-lhe a pele; o suor escorre pelo corpo inteiro;
o desejo e a raiva — quando te pegar, peste!, te arrombo e mato.

A menina volta-se e olha, mede a distância a separá-la do mascate, o
medo e o desejo: se ele me pegar vai meter em mim, estremece apavora-
da; mas, se eu não esperar, ele desiste, ah!, isso não, não pode permitir
mesmo que queira pois o tempo é chegado.

O homem também parou e fala, grita palavras que não alcançam a
menina, perdidas na areia, levadas pelo vento. Ela não ouve mas adivi-
nha e responde:

— Béeé! — Assim cantam as cabras que ela pastoreia.

O desafio bate na face, penetra nos ovos do mascate, ergue-lhe as
forças, ele avança. Atenta, a menina espera.

Lá atrás o rio, na frente o oceano, os olhos adolescentes percorrem e

dominam a paisagem desmedida. Naquele momento de espera, de ânsia e de angústia, a menina fixou na memória a deslumbrante imensidão da cama de noiva que lhe coube. Do outro lado da barra, a beleza da praia larga e rasa do Saco, em mar de águas mansas, no estado de Sergipe, a ampla aldeia de pescadores, com armazém, capela e escola, um vilarejo. O oposto dos cômodos monumentais onde ela se encontra, a invadirem as águas, o espaço do mar, contidos pelos vagalhões na fúria da guerra. Aqui o vento deposita diária colheita de areia, a mais alva, a mais fina, escolhida a propósito para formar a praia singular de Mangue Seco, sem comparação com nenhuma outra, aqui onde a Bahia nasce na convulsa conjunção do rio Real com o oceano.

Dúzia, dúzia e meia de casebres provisórios, mudando-se ao sabor do vento e da areia a invadi-los e soterrá-los, morada dos poucos pescadores a habitar desse lado da barra. Durante o dia, as mulheres pescam no mangue de caranguejos, os homens lançam as redes ao mar. Por vezes partem em pesca milagrosa, audazes a cruzar os vagalhões altos como as dunas nos únicos barcos capazes de enfrentá-los e prosseguir mar afora, ao encontro marcado com navios e escunas, em noites de breu, para o desembarque do contrabando.

O falso mascate vem na lancha a motor recolher as caixas de bebidas, de perfumes, os fardos de seda italiana, de casimira e linho ingleses, outras especiarias, e fazer o módico pagamento — dinheiro para a farinha, o café, o açúcar, a cachaça, o fumo de rolo. De quando em quando, traz uma vadia na lancha e enquanto caixas e fardos são transportados dos casebres, vai despachá-la nas dunas, sobre as palhas dos coqueiros para aproveitar o tempo. Um garanhão, o mascate; os pescadores o apreciam. Em mais de uma ocasião ele não os acompanhou nos barcos, indiferente às vagas, até o alto-mar de navios e tubarões?

A menina deixa que o homem chegue bem perto — só então dispara areia acima e do alto novamente canta o exigente e assustado chamado das cabras. De amor, não conhece outra expressão, outra palavra, outro som. Ainda naquele dia o ouvira da cabrita no primeiro cio quando o bode Inácio, pai do rebanho, se encaminhou para ela, balançando o cavanhaque e as trouxas. Depois o mascate apareceu e a menina aceitou o convite para o passeio de lancha, vinte minutos de rio, cinco de mar agitado e o esplendor de Mangue Seco. Como resistir, dizer obrigada, mas não vou? Mentira: não a seduzira a corrida no rio, a travessia do pedaço de mar, nem sequer as dunas bem-amadas desde a infância. A

menina não tenta inocentar-se. Recusara convites anteriores, o mascate a tinha de olho há tempos. Desta vez agora ela disse vamos, sabendo a que ia.

Quando, porém, sente a mão pesada segurar-lhe o braço o medo a invade inteira, da cabeça aos pés. Contém-se, no entanto não busca fugir.

O homem a derruba sobre as folhas dos coqueiros, suspende-lhe a saia, arranca-lhe a calçola, trapo sujo. De joelhos sobre ela, enterra o chapéu na areia para que não voe e se perca, abre a braguilha. A menina o deixa fazer e quer que ele o faça. Para ela soara o tempo, como para as cabritas a hora temida e desejada, a hora implacável do bode Inácio, o saco quase a arrastar por terra de tão grande. Sua hora chegara, já não lhe corria sangue entre as coxas todos os meses?

Nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabras, conheceu o gosto do homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou, igual à cabrita horas atrás, ela berrou. De dor e de contentamento.



PRIMEIRO EPISÓDIO

MORTE E RESSURREIÇÃO DE TIETA

OU

A FILHA PRÓDIGA

CONTENDO INTRODUÇÃO E PALPITES
DO AUTOR, INESQUECÍVEIS DIÁLOGOS,
FINOS DETALHES PSICOLÓGICOS,
PINCELADAS DE PAISAGENS, SEGREDOS,
ADIVINHAS, ALÉM DA APRESENTAÇÃO DE
ALGUMAS FIGURAS QUE DESEMPENHARÃO
DESTACADO PAPEL NOS ACONTECIMENTOS
PASSADOS E FUTUROS NARRADOS
NESTE APAIXONANTE FOLHETIM —
EM CADA PÁGINA A DÚVIDA, O MISTÉRIO,
A VIL TRAIÇÃO, O SUBLIME
DEVOTAMENTO, O ÓDIO E O AMOR



EXÓRDIO OU INTRODUÇÃO ONDE O
AUTOR, UM FINÓRIO, TENTA EXIMIR-SE DE
TODA E QUALQUER RESPONSABILIDADE E
TERMINA POR LANÇAR IMPRUDENTE
DESAFIO À ARGÚCIA DO LEITOR COM
SIBILINA PERGUNTA

COMEÇO POR AVISAR: NÃO ASSUMO QUALQUER RESPONSABILIDADE PELA EXATIDÃO dos fatos, não ponho a mão no fogo, só um louco o faria. Não apenas por serem decorridos mais de dez anos mas sobretudo porque verdade cada um possui a sua, razão também, e no caso em apreço não enxergo perspectiva de meio-termo, de acordo entre as partes.

Enredo incoerente, confuso episódio, pleno de contradições e absurdos, conseguiu atravessar a distância a mediar entre a esquecida cidadezinha fronteiriça e a capital — os duzentos e setenta quilômetros de buracos no asfalto de segunda e os quarenta e oito de lama de primeira ou de poeira de primeiríssima, pó vermelho que se incrusta na pele e resiste aos sabonetes finos — indo ressoar na imprensa metropolitana.

Noticiário de começo entre galhofeiro e sensacionalista, logo após patriótico e discreto pois muito bem pago, dissolvendo-se rápido em anúncios, alguns de página inteira.

Certo semanário de tradições duvidosas — adjetivo mal-empregado: por que duvidosas? — meteu-se a valente em editorial de primeira página, com vermelha manchete agressiva, ameaçou enviar repórter e fotógrafo àqueles confins para esclarecer a gravíssima denúncia, o monstruoso conluio, o perigo estorrecedor, etc. e tal. Arrogância e indignação duraram apenas um número, a valentia o probo diretor a enfiou no rabo e esqueceu o escaldante tema. Ainda jovem mas já veterano nas lides da imprensa, arrotando em surdina ideologia radical e princípios explosivos, visando porém fins benéficos, Leonel Vieira afogou protesto e ameaças em uísque escocês, na grata companhia do dr. Mirko Stefano e de algumas apetitosas moças, todas elas relações-públicas de muita animação e pouca vestimenta. Pouca, em termos: duas entre as mais bem modeladas exibiam longas túnicas transparentes e por baixo nada ou quase nada, túnicas essas, na opinião de enten-

didos, mais excitantes que os curtos shorts ou os sumários biquínis. Amável tema de debate entre o doutor e o jornalista, única divergência a separá-los, no bar, à borda da piscina. No mais, acordo total. Quanto a mim, se me permitem opinar, prefiro os longos transparentes lambidos por uma réstia de luz, revelando volumes e sombras, ai! Mas que importa minha opinião?

A minha, a vossa, outra qualquer ante os potentes argumentos do dr. Stefano, argumentos em divisas, afirmam, se bem não haja absoluta certeza sobre a moeda original, dólares ou marcos ocidentais, as duas talvez. Tão irresistível dialética do simpático testa-de-ferro, levou o trêfego cronista social Dorian Gray Junior a proclamá-lo Mirkus, o Magnífico Doutor, em desbunde de adulação. Simples testa-de-ferro de ignotos padrões, conforme insinuou o semanário naquele exclusivo e atrevido editorial — atrevido, exclusivo e muito bem capitalizado; sendo, além do mais, uma garantia à esquerda pois que outro órgão da imprensa falada ou escrita ousou interpelar e ameaçar? Posição clara e definida, prova a ser exibida, se necessário; ninguém sabe o que pode acontecer no dia de amanhã, recente, aí está, o exemplo de Portugal, quem poderia prever? Ao demais, não hão de ser um simples cheque, por mais polpudo, garrafas de escocês e o ventre em flor das permissivas relações-públicas que abalarão as convicções ideológicas, os sólidos princípios do intemerato e dúctil jornalista: Leonel Vieira possui fibra e caráter capazes de digerir cheques, licores e beldades, conservando imutáveis princípios e ideologia. Embolsa o cheque, escorna no uísque, baba cangotes e xibius, manera o jornal e ao mesmo tempo proclama — baixinho — os princípios, radicalíssimo. Um porreta.

Quanto aos grandes padrões, esses não se mostram em bares, não brindam com jornalistas de cavação e preferem as formosas nuinhas de todo, no conforto e no recato, longe de qualquer exibição pública. Ai, quem me dera a honra, a glória suprema de que pelo menos um deles venha a aparecer nas mal alinhadas páginas deste relato; seria o máximo para o modesto escriba contar com tamanha personagem. Realista, os pés na terra, não espero aconteça esse milagre; onde forças capazes de arrastar um lorde estrangeiro àquele cu-de-mundo, através de lama e poeira? Caso tudo dê certo, aprovado o projeto, instalado o complexo industrial, quando o progresso chegar com asfalto sólido, estradas de mão única, motéis, piscinas, moças de túnicas transparentes, polícia de segurança, aí sim, talvez

tenhamos o privilégio de enxergar, com nossos olhos que a terra há de comer, um desses grandes do mundo, envolto em ouro.

De qualquer maneira, vou em frente, mesmo sabendo que alguns detalhes dificilmente merecerão crédito de parte das pessoas sensatas, pespegá-los exige martelo russo e prego caíbral, para usar expressão da velha Milu repetida cada vez que o bardo Barbozinha termina de narrar sobre o além e o passado ou, indômito, penetra futuro adentro, a voz eloqüente e empostada — empostada por uma embolia que o acometera anos atrás e por pouco não o desencarna. Não deu para tanto, suficiente porém para aposentá-lo do quadro de funcionários da prefeitura da capital, onde exerceu, com relativa capacidade e certo desleixo, funções de escriturário, e trazê-lo de volta às ruas poucas e pacatas de Santana do Agreste, cujos limites culturais, com tal retorno, logo de muito se ampliaram pois Barbozinha — Gregório Eustáquio de Matos Barbosa — é autor de três livros, publicados na Bahia, dois de poesia e um de máximas filosóficas.

De tudo isso se dará notícia no decorrer da ação. Aqui venho apenas livrar a cara, declinar de qualquer responsabilidade. Relato os fatos conforme me foram narrados, por uns e por outros. Se de quando em quando meto minha colher e situo opiniões e dúvidas, é que também não sou de ferro nem me pretendo indiferente às “agitações sociais, vendavais do século a convulsionar o mundo” (De Matos Barbosa, *in Máximas e mínimas da filosofia* — Dmeval Chaves Editor — Bahia, 1950). Sou apenas prudente, o que nos tempos de agora não é virtude nem mérito e sim necessidade vital.

De uma coisa desejaria realmente ter certeza no momento em que colocar o ponto final nas páginas deste folhetim, e para isso conto com a ajuda dos senhores, lanço-lhes um desafio: respondam-me quais os heróis da história, quem lutou pelo bem da terra e do povo. Em nome da terra e do povo todos falam, cada qual mais ardente e gratuito defensor. A gente vai ver descobre dinheiro pelo meio, no bolso dos sabidos, povo e terra que se danem.

Nesta embrulhada, cujos nós começo a desatar, quem merece nome em placa de rua, avenida ou praça, artigos laudatórios, homenagens, comendas, cidadania, ser proclamado herói? — digam-me os senhores. Aqueles que propugnam pelo progresso a todo custo — pague-se o preço sem reclamar, seja qual for — a exemplo de Ascânio Trindade? Se pagasse com a vida, teria pago menos caro. Se não forem eles, que ou-

tros? Não há de ser a Barbozinha ou a dona Carmosina, a Dário, comandante sem tropa a comandar, que se confira tais honrarias, muito menos a Tieta, melhor dito, à madame. As palavras também valem dinheiro, herói é vocábulo nobre, de muita consideração.

Agradecerei a quem me elucidar quando juntos chegarmos ao fim, à moral da história. Se moral houver, do que duvido.

CERIMONIOSO CAPÍTULO ONDE SE TRAVA
CONHECIMENTO COM AS TRÊS IRMÃS,
A POBRE, A REMEDIADA E A RICA;
ESTANDO A ÚLTIMA AUSENTE — QUEM
SABE PARA TODO O SEMPRE; ONDE SE
CONHECE DA CARTA MENSAL E DO
CHEQUE IDEM, ANSIOSAMENTE
AGUARDADOS, SOBRETUDO O CHEQUE,
COMO É NATURAL, E TAMBÉM DE
PEQUENAS MISÉRIAS E MÍNIMA
ESPERANÇA, NA HORA DO MORMAÇO;
ONDE EM RESUMO SE COLOCA
INQUIETANTE PERGUNTA: TIETA ESTÁ
VIVA OU MORTA? SINGRA OS MARES EM
CRUZEIRO DE TURISMO OU JAZ EM
CEMITÉRIO PAULISTA?

EMPERTIGADA NA CADEIRA, AS MÃOS CRUZADAS SOBRE O PEITO MAGRO, toda em negro dos sapatos ao xale, coberta assim de luto fechado desde a morte do marido, Perpétua baixa a voz, lança a fúnebre hipótese:

— E se sucedeu alguma coisa com ela? — Adianta a cabeça para onde está a irmã, sussurra: — E se ela bateu a caçoleta? — Mesmo sussurrada, a voz, sibilante e ríspida, é desagradável: — E se ela morreu?

Elisa estremece, solta o pano de prato, derrotada pelo mau pressá-

gio. Há dois dias e duas noites longas tenta arrancar da cabeça esse mal-dito pressentimento a persegui-la, a roubar-lhe o sono, a deixá-la com os nervos em ponta.

— Ai, Senhor meu Deus!

Perpétua descruza as mãos, alisa a saia de gorgorão bem passada, ratifica com um movimento de cabeça; não fez uma pergunta e sim uma afirmação. De comprovação fácil, aliás:

— Estamos a 28, praticamente no fim do mês. A carta sempre chega por volta de 5, nunca passa de 10. Para mim, ela bateu a caçoleta.

Mesmo no desalinho da manhã de ocupações domésticas, o rosto de Elisa é bonito: morena de tez pálida, olhos melancólicos, lábios carnudos. Sob o desleixo do vestido velho e amarfanhado, chinelas gastas, ergue-se o corpo esbelto, de ancas altas e seios rijos. Um lampejo de curiosidade brota nos olhos assustados. Elisa busca na face da irmã outro sentimento além da preocupação pelo dinheiro. Não encontra: a proclamada morte de Tieta não aflige Perpétua, teme somente pela sorte do cheque. A cessação da remessa mensal assusta igualmente Elisa: não só perderiam a ajuda indispensável como teriam de sustentar o pai e a mãe, onde arranjar o necessário? Um horror, Deus não permita!

Um horror, sem dúvida, porém havia mais e pior. Ao calafrio de medo sucede a tristeza, um aperto no coração. Se ela morreu, então tudo se acabou para sempre, não somente o cheque, também a tênue esperança; sobrarão apenas o vazio. Essa irmã Antonieta — meia-irmã, aliás, pois Elisa nascera do segundo e inesperado casamento do velho Zé Esteves — de quem não conserva lembrança, a respeito de quem sabe tão pouco, é a razão de ser de Elisa.

Nos últimos anos, sobretudo após o casamento, começara a idealizar a figura da ausente, espécie de gênio bom, heroína de conto da carochinha, imagem fugidia, quase irreal, a se fazer concreta no auxílio mensal, nos esporádicos presentes. Reunindo frases ouvidas, narrativas de antigos enredos, comentários do pai e da mãe; a letra larga e redonda nas pequenas cartas — parcas em palavras e notícias, reduzidas às mesmas perguntas pela saúde dos velhos, das irmãs, dos sobrinhos, mas não secas e frias, contendo, além do cheque, abraços e beijos —, o perfume ainda a evolar-se do envelope após tantos dias de correio; os embrulhos de roupa usada, pouco usada, quase nova; o título de comendador ostentado pelo marido; a fotografia na revista, Elisa construíra pouco a pouco imaginário retrato da irmã, fada alegre, bela e bondosa, habitando um

mundo rico e feliz. Nessa visão pensa e nela se apóia quando sonha com outra vida, mais além da pasmaceira e do cansaço. Morta Antonieta, que restará a Elisa? As revistas de fotonovelas, nada mais. Nem isso, meu Deus! Onde os níqueis, sobrados das despesas, com que comprá-las?

Tristeza por tudo quanto perderá, o dinheiro mensal, os presentes, o devaneio, o sonho, mas também tristeza simplesmente pela morte da irmã; gostará de alguém tanto quanto gosta dessa meia-irmã que não conhece? Reage, na necessidade de conservar pelo menos a esperança: Perpétua imagina sempre o pior, boca de agouro.

— Se ela tivesse morrido, a gente já tinha sabido, alguém havia de dar a notícia. Em casa dela tem nosso endereço, todo mês ela escreve, não é? Haviam de avisar... — há dois dias, na labuta da casa, na cama de insônia, repete esses argumentos para si mesma.

— Avisar? Quem? Só se o marido dela e a família dele forem malucos.

— Malucos? Não vejo por quê.

Perpétua estuda a irmã em silêncio, a se perguntar se deve ou não contar, decide-se por fim, de qualquer maneira ela terá de saber:

— Porque, com a morte dela, a gente tem direito a uma parte da herança. Nós três: o velho, eu e você.

Elisa volta a enxugar os pratos, de onde Perpétua tirara aquela idéia de herança? Cada bobagem!

— Quem vai herdar é o marido dela, o comendador. Por que a gente havia de herdar? Pro pai, pode ser que ela deixe alguma coisa, tem sido boa filha, boa até demais. Mas, pra nós duas, por quê? Quando ela saiu de casa, eu tinha menos de um ano. E tu, não foi por tua culpa que ela foi embora?

— Ela foi embora porque quis. Não me cabe culpa.

— Não foi tu que xeretou ao pai? Abriu o bico, ele quebrou a pobre no pau, tocou ela rua afora, não foi? Mãe me contou como se deu e pai confirmou, disse que tu foi a culpada.

— Dizem isso agora, para adular. Depois que ela começou a mandar dinheiro, virou santa. Por que tua mãe não tomou as dores na ocasião? Quem foi que deu a surra, quem botou ela pra fora de casa? Eu ou o velho?

Elisa estende sobre a mesa a toalha manchada de azeite, de feijão, de café — Astério tem mão podre, não sabe se servir sem derramar caldos e molhos, o infeliz. Encolhe os ombros, não responde à pergunta de Perpétua, o pai e a irmã que decidam entre eles de quem a culpa; dela, Elisa,

é que não foi, não completara um ano de idade quando denúncia, expulsão e fuga aconteceram.

Perpétua semicerra os olhos gázeos, por que Elisa se empenha em recordar o passado? A própria Antonieta não esquecerá, há muito, agravos e injustiças? Não envia dinheiro, presentes? Não ajuda nas despesas? Ademais, há males que vêm para bem, não é mesmo? Se ela não tivesse sido posta no olho da rua, em vez de partir para o sul e triunfar em São Paulo, bem casada, cheia de dinheiro, feliz da vida, teria ficado ali, naquele buraco, vegetando na pobreza, sem direito a noivado e casamento pois a história com o caixeiro-viajante logo se tornara de domínio público. Sem direito a nada, mera criada do pai e da madrastra.

— Se ela não lembra essas coisas por que tu há de lembrar?

— Não fiz por mal, só para mostrar que ela não tem motivo pra querer deixar herança pra nós duas.

— Não depende dela querer ou não querer... — Perpétua descerra os olhos, compõe a saia, retira invisível cisco da blusa: — Quando ela morrer, metade da fortuna fica para o marido e, como ela não tem filhos, a outra metade é dividida entre os parentes, os parentes próximos, o velho e nós, o pai e as irmãs.

— Como é que tu sabe?

— Doutor Almiro me disse...

— O promotor? E tu foi falar isso com ele?

— Propriamente falar, não falei. Ele estava conversando com padre Mariano, eu e outras zeladoras de junto, ouvindo. Estavam falando da herança de seu Lito, que deixou o dinheiro todo para o padre dizer missa pela salvação da alma dele na igreja da Senhora Sant'Ana. Pois já vai para mais de seis meses que ele morreu e até agora o padre não viu a cor do dinheiro. Está depositado na mão do juiz, em Esplanada, porque os parentes botaram questão, com advogado e tudo. Doutor Almiro disse que, pela lei, metade é deles. Daí eu fui perguntando, como quem não quer nada...

— Tu quer dizer que quando uma pessoa morre, metade do que ela tem fica pros parentes?

— É isso mesmo... — Perpétua busca no bolso da saia um lenço para enxugar o suor fino na testa, com o lenço aparece um terço de contas negras.

— Quer dizer que, se tu morrer, metade do que é teu fica pra mim e pro pai...

— Tu não presta atenção no que se fala. Só quando o falecido não tem filhos; é o caso dela, mas não o meu. O que eu deixar quando morrer vai ser repartido entre Ricardo e Peto, meus filhos, meus únicos herdeiros. Já foi assim quando o major morreu — faz o sinal-da-cruz, eleva os olhos murmurando Deus o tenha em sua glória —, a herança foi dividida, metade para mim, metade para os meninos. O doutor Almiro...

— Tu perguntou isso também?

— Sempre vale a pena saber.

— Tu pensa que ela morreu e que o marido não diz nada para ficar com tudo?

— E não pode ser? Por que ela nunca deu o endereço para nós? Mandou a gente escrever para a caixa postal, onde já se viu? Proibição do marido, para a gente não saber. Você sabe o sobrenome dele? Nem eu. É comendador pra cá, comendador pra lá, e acabou-se, nada de sobrenome. Por quê? Tu não atina nessas coisas mas eu tenho pensado muito nisso e tirei minhas conclusões.

Também Elisa havia atentado naquelas esquisitices. Em sua opinião, porém, outro era o significado da falta de endereço, de sobrenome, da ausência de maiores detalhes sobre vida e família: Antonieta perdoara os agravos, não guardara mágoa, mas não esquecera o passado, não queria maior aproximação com os parentes, gente mesquinha do interior, não desejava misturá-los a seu mundo maravilhoso. Ajudava pai e irmãs como cumpre às filhas quando em boa situação. Obrigação cumprida, a consciência em paz, ponto final: reserva e distância. Se querem saber, faz ela muito bem! Era isso e nada mais, não passando o resto de invenção de Perpétua, a cachola sempre a pensar malfeitos e desgraças. Se Antonieta decidisse deixar alguma coisa para o pai e as irmãs, após a morte, tomaria as medidas necessárias com antecedência, estaria tudo disposto e estabelecido.

— Não acredito, não. Se ela tivesse morrido, a gente havia de saber.

Termina de botar a mesa, fica parada, o olhar perdido:

— Está é viajando, gozando a vida. Toda vez que sai a passeio, a carta atrasa. Atrasa mas chega. Lembra quando foi a Buenos Aires e mandou aquele cartão tão bonito? Vida é a dela: viagens, passeios, festas. Tieta é muito boa de pensar na gente no meio de tanta animação. Se fosse comigo que tivesse acontecido, nunca mais, nunca mais mesmo, eu havia de dar notícias.

Volta a vista para Perpétua, agora a passar as contas do terço:

— Vou dizer uma coisa, acredite se quiser. Mesmo se fosse para herdar o dinheiro todinho, sem ter que dividir com ninguém, nem assim eu desejo a morte dela.

— E quem deseja? — Perpétua suspende a reza, a conta negra entre os dedos: — Mas, se não chegar mais cartas, então é sinal que Antonieta morreu. Aí eu vou mover mundos e fundos até descobrir o marido dela e tomar minha parte.

— Tu acaba lesa de pensar tanta maluquice. Ela está é passeando, se divertindo. Por que agourar criatura tão direita? A carta não passa de amanhã.

— Tomara mesmo. Fui em casa do velho, ele está nos azeites. Sabe o que me perguntou? Se Astério não tinha metido a mão no dinheiro e pago alguma dívida, como fez daquela vez que usou o cheque para resgatar a letra vencida. O velho pensa que a gente vive roubando ele. — Volta a dedilhar o terço, os lábios sem pintura movem-se em silêncio.

Com Perpétua é assim, taca a taca: Elisa fizera referência à intriga que resultara na partida de Antonieta, Perpétua, na volta da conversa, deu o troco, desentocou o malsinado assunto da duplicata, velho de cinco anos. A voz cansada, Elisa revida sem veemência:

— Tu sabe que, se ele não pagasse a letra, a loja ia à falência. Tu sabe, o pai sabe...

Não cresce o tom de voz, monótono:

— Mas que a gente vive roubando, ah!, isso vive, não adianta tu ficar aí sentada de terço na mão, mastigando padre-nosso com esse ar de santa.

— Nunca toquei num tostão do velho...

— Nem ele ia deixar. É dela que a gente rouba. Para que ela manda o cheque todo mês?

— Para as despesas do velho.

— E para que mais?

— Para ajudar na educação dos sobrinhos.

— Isso mesmo. Para ajudar na educação dos filhos da gente. O meu não chegou a completar dois anos e eu nunca mais peguei menino. Nunca mais, Deus não quis...

Os olhos vão da sala de jantar para o quarto de dormir, pela porta aberta vê a cama de casal ainda por arrumar. Deus não quis? Nem pra isso Astério serve... A voz neutra, prossegue:

— E tu? Será que tu mandou dizer a Tieta que Peto está no grupo escolar, não paga nem um vintém? Que padre Mariano arranjou com o bis-

po o seminário de graça para Cardo? Eu sei o que tu mandou dizer: o preço da escola de dona Carlota, a mensalidade do seminário. Isso, sim, tu mandou dizer, pro resto boca trancada. Por que tu puxa de novo essa história de letra que Astério resgatou, se cada um de nós tem seus podres?

— Foi o velho que falou, só repeti o que ele disse.

— Um dia eu ainda tomo coragem, escrevo a ela contando a verdade: que não tenho mais filho nenhum, o que tinha a doença levou mas que a gente precisa tanto do dinheiro que ela manda, mas tanto a ponto de me ter faltado forças para comunicar a morte de Toninho. Era capaz dela ficar com pena e mandar até mais do que manda. Só que não tenho coragem de arriscar... Por que a gente é assim, Perpétua? Por que a gente não presta? É por isso que ela não quer aproximação, não manda endereço, ajuda de longe.

A voz se faz pesada, áspera, quase desagradável como a de Perpétua:

— E ela age muito bem porque, se eu tivesse o endereço...

Os olhos fitam o vazio:

— Ah!, se eu soubesse o endereço já tinha arribado pra lá!

Perpétua chega ao fim do terço, beija a pequena cruz:

— Tem horas que tu nem parece mulher-feita e casada, fala o que não deve. O que tu precisa é ir ajudar na igreja em vez de ficar em casa lendo revista e ouvindo rádio, gastando o tempo com essas porcarias.

Elisa deixa cair os braços, a voz novamente neutra:

— Amanhã, logo que a marinete chegue, passo no correio. Vem amanhã, tu vai ver.

— Deus te ouça. Com a desculpa da doença, Lula Pedreiro há três meses não paga aluguel. Agora mandou a chave, foi morar com o filho, deixou a casa imunda, um chiqueiro. Para alugar, vou ter que dar pelo menos uma demão de cal.

— Tu te queixa sem razão. Mora em casa própria e ainda tem mais duas para alugar, fora a pensão do falecido. A gente, se não fosse pelo dinheiro que ela manda pro anjinho, nem numa sessão de cinema podia ir.

— Amanhã, me avise logo se chegou ou não. Se não chegar, vou tomar minhas providências.

— Por que não fica para almoçar? O que dá pra dois, dá pra três.

— Eu? Comer carne em dia de sexta-feira? Tu bem sabe que é pecado. É por isso que vocês não vão para a frente. Não cumprem a lei de Deus.

Ergue-se da cadeira, guarda o terço no bolso da saia. Toda em negro, a

blusa de mangas compridas, sem decote, fechada no pescoço, o coque alto coberto pela mantilha, o rosto severo, virtuosa e devota viúva. Benze-se ao ouvir o sino da matriz nas badaladas do meio-dia, encaminha-se para a porta. Na rua deserta, ressoam os passos de Astério. O mormaço sobe do chão, desce do céu. Elisa suspira, dirige-se para a cozinha.

DE ELISA, LINDA DE MORRER,
DIANTE DO ESPELHO, E DO MARIDO
ASTÉRIO, BOM DE TACO —
CAPÍTULO ONDE NADA ACONTECE

QUANDO NO DIA SEGUINTE A MARINETE DE JAIRO BUZINOU NA CURVA PRÓXIMA à entrada da cidade, Elisa, sentada à mesa antiga, quem sabe de valor, a servir de penteadeira, terminara de passar batom nos lábios e sorriu para a imagem refletida no espelho barato pendurado na parede. Achou-se bonita. A negra, bravia cabeleira, agora cuidada, solta sobre os ombros, emoldura-lhe a face pálida, o langor dos olhos, a boca de lábios gulosos, acentuados pelo batom. “Linda de morrer”, como diz, ao referir-se a estrelas de rádio, tevê e cinema, o admirado locutor Mozart Cooper — pronuncia-se Cu...u...per —, “voz de veludo nas ondas hertzianas a embalar os corações solitários.” Coração solitário, linda de morrer.

Durante alguns minutos esqueceu-se de tudo quanto a afligia e ensaiou poses e trejeitos, imitados das cenas das fotonovelas: um muxoxo com os lábios, olhar apaixonado, sorriso tentador, desmaio de paixão, a boca se abrindo para o beijo, a ponta da língua a surgir entre os lábios, vermelha e úmida. Beijar a quem? Num gesto cansado, encolheu os ombros, os olhos cobriram-se de sombra. Volta a pensar na carta, busca tranquilizar-se: está chegando na mala do correio, trazida pela marinete, de hoje não passa. E se não chegar?

Na véspera, na mesa do almoço, Astério, comilão e apressado, a boca cheia, mastigando feijão e palavras, repetira pergunta e lamúria:

— Por que tanta demora? Logo em novembro, mês de pouca venda, quase nenhuma. Que diabo pode ter acontecido?

Elisa trancara os lábios, se lançasse a suspeita a lhe queimar o peito o marido entraria em pânico. Esmorecido de natureza, incapaz de esforço e luta, o dia inteiro encostado ao balcão da loja à espera da minguada freguesia, animando-se apenas quando um dos parceiros do bilhar — Seixas, Osnar, Aminthas ou Fidélio — aparece para comentar apostas e jogadas; se Ascânio Trindade treinasse, Astério teria adversário pela frente. Osnar, desocupado, faz ponto na loja, o cigarro de palha pendurado no lábio. Infalível aos sábados, quando o movimento cresce por causa da feira. Após vender a farinha, a carne-de-sol, o feijão, as frutas, o cultivo das roças e o barro cozido em pequenos fornos rudimentares — moringas e quartinhas, cavalos e bois, jagunços e soldados, o padre-cura e os noivos de mãos dadas, potes e panelas —, os sitiantes e roceiros enchem a loja a comprar fazendas, sapatos, calças e camisas, quinquilharias, vez por outra um rádio de pilha. Na moita, equilibrado numa velha cadeira, Osnar espreita as caboclas novas, puxando conversa quando lhe parece valer a pena. Nos sábados, o moleque Sabino ganha cinco cruzeiros para ajudar, atendendo a maioria dos rudes fregueses — cinco cruzeiros e o que rouba no troco.

Se Elisa contasse a conversa com Perpétua, Astério era capaz de ter um daqueles vexames repetidos a cada aperto maior de dinheiro, a cada problema com os fornecedores; suores frios, fraqueza nas pernas, tontura, vômitos. Recolhe-se à cama, batendo o queixo, tiritando, a loja entregue a Sabino. Só Osnar consegue levantá-lo, arrastando-o para o bilhar, no Bar dos Açores, de seu Manuel Português.

No bilhar transforma-se, vira outro homem. Ri e graceja, arrota valentia, aposta sem medo, manda desafiar Ascânio, certo da vitória. Bom no taco. No taco do bilhar, somente no bilhar taco de ouro, surpreende-se Elisa a resmungar. Censuráveis resmungos, pensamentos ruins, surgiam assim de repente, perseguiam-na os malditos, cruz-credo.

A face pensativa no espelho. Linda de morrer, ali perdida, a envelhecer naquelas ruas paradas, à espera da carta e do cheque. Não fossem o rádio de pilha e as revistas, que seria de Elisa?

Se revelasse a Astério o tema debatido com Perpétua, a probabilidade — para a irmã, a certeza — da morte de Tieta, ele vomitaria o feijão, o arroz, a carne, os pedaços de manga, ali mesmo em cima da mesa do almoço. Tirante o bilhar, um molengas, sem ânimo, sem ambição, sem

conversa, sem alegria. As raras prosas, as poucas risadas provinham ainda do bar, picantes histórias dos parceiros, de Seixas e Aminthas, raramente Fidélio, reservado de natureza e por cálculo, quase sempre Osnar, abastado, obsceno e mulherengo. As histórias de Osnar, entre as quais figura o notável caso da polaca, são de morrer de rir, em geral têm a ver com o descalibrado tamanho de seus órgãos sexuais. Estrovenga de jumento, afirma Astério, distanciando as mãos para indicar a medida espantosa: daqui para maior.

O cansado motor da eletricidade deixa de trabalhar às nove da noite, marcando a hora de dormir, confirmada pelas badaladas do sino da matriz. Astério conclui a partida, encosta o taco, recolhe ou paga as apostas, toma o caminho de casa. Vez por outra, se Elisa ainda não pegou no sono, Astério, ao despir-se, repete a mesma frase, prólogo do caso a narrar: “Acontece cada uma!”.

Osnar ou Aminthas, Seixas ou Fidélio, fosse qualquer dos quatro o personagem, fosse outra figura da cidade, o enredo era quase sempre escabroso, envolvendo mulher e cama — cama ou mato, na beira do rio. Elisa ouve em silêncio, tensa, atrevendo-se de raro em raro a pedir detalhes, tão necessários no entanto à construção do imaginado mundo em que se trancara para subsistir, onde cada elemento importava; a grandeza de Antonieta, o postal de Buenos Aires, o perfume no envelope, as tramas de Seixas, os segredos de Fidélio, as patifarias de Aminthas, a anatomia de Osnar. Durante o dia, o rádio ligado sem parar, Elisa passa e remenda roupa, lava pratos, cozinha, lê e relê revistas, visita dona Carmosina no correio, suporta, após o jantar, a lengalenga da vizinha, dona Lupicínia, cujo marido se mandara há mais de um lustro para as bandas do sul da Bahia e não tinha previsão de regresso; vai ver não volta nunca.

Linda de morrer, só mesmo para morrer, para que outra coisa, qual? A boca ante o espelho abre-se ávida para o beijo. Que beijo? Elisa levanta-se, ai quem lhe dera possuir espelho onde pudesse se ver de corpo inteiro! Linda de morrer, no fino da moda.

Afinal, pergunta-se a encolher os ombros novamente, por que gasta esse tempão em pintar-se, em ajeitar a negra cabeleira, em fazer-se tão elegante no vestido restaurado, presente de Tieta como todos que possui, cada qual de melhor fazenda e de padrão mais moderno — usados mas pouco, quase novos. Para que tanto apuro, tanto cuidado com a maquiagem, para que o decote a mostrar os ombros, o nascer dos seios?

Para atravessar as ruas desertas, de raros passantes, perceber o peso

do olhar do árabe Chalita, a bigodaça de sultão, a barba por fazer, eterno palito entre os dentes, dono do Cinema Tupy e da sorveteria, velho e descuidado, ou sentir sem ver a mirada matreira do moleque Sabino fixa nos meneios das ancas da inacessível mulher do patrão, ouvir o assovio do pestilento Bafo de Bode, mendigo e bêbado? Tão podre e miserável, pode-se dar a todos os atrevimentos sem temer represálias. Esses três infelizes e acabou-se. Além disso, um boa-tarde, dona; um chapéu levantado em muda saudação; a bênção do vigário e a incontida inveja das mulheres: “Até parece que se vestiu para um baile, querida”.

Discreta e comedida, esposa honesta e virtuosa, ao passar Elisa recolhe no decote o cúpido olhar do levantino: ao vê-la certamente recorda tempos de antanho e corpos de mulheres; a cobiça do moleque acentua-lhe o requebro da bunda, assim de noite Sabino sonhará com ela. Não despreza sequer o assovio fétido do esmoler. Quanto à inveja das mulheres, tem igualmente merecimento e sabor. Modesta, Elisa responde: “Vestido mandado por minha irmã Tieta, é dela o gosto e a elegância, hei de botar fora?”. Louvam então em coro a ausente Antonieta, irmã generosa, filha exemplar, a infalível ajuda mensal, os presentes régios — régios, sim senhora, cada vestido desses vale um dinheirão!

Elisa recomenda à pequena Araci atenção na casa, fecha a porta da rua, dirige-se para o correio. Atravessará a feira, passará pelo árabe, pelo moleque, pelo maluco, pelas comadres no adro da igreja. O rosto sério, como cumpre a uma senhora casada, bem casada. O coração apertado, lá dentro a certeza de que a carta não chegou.

BREVE EXPLICAÇÃO DO AUTOR PARA USO DAQUELES QUE CATAM PULGAS EM ELEFANTE

APENAS INICIO O RELATO E JÁ RECEBO CRÍTICAS. AMIGO ÍNTIMO, colega de trabalho e de letras, cultivando-as como eu ainda em amargo anonimato, Fúlvio d’Alambert (José Simplí-

cio da Silva, na vida civil) tem a primazia da leitura dos meus originais que, em geral, me devolve entre elogios, agradáveis de ouvir, e uma ou outra correção ortográfica ou gramatical — vírgulas e pontos, tempos de verbo. Desta vez, porém, atreveu-se mais longe e eu retruco de imediato, enquanto Elisa marcha em direção ao correio.

Fúlvio considera um absurdo o uso da palavra *marinete*, por ultrapassada, para designar veículo automotor para transporte de passageiros. Ônibus, *autobus*, *pullman* seriam termos modernos, corretos, próprios para a época desenvolvimentista em que nos cabe o privilégio de viver. Acusa-me de subdesenvolvido e argumenta. Quando rasgamos novas rodovias comparáveis às melhores do estrangeiro; quando são implantadas indústrias a granel; quando, atendendo às clarinadas do progresso, desperta um novo nordeste redimido das secas, das epidemias, daquela fome centenária, e — não esqueçamos — do analfabetismo rapidamente erradicado; quando a imprensa, o rádio, a televisão uniformizam costumes, moral, modas e linguagem, varrendo como lixo os hábitos regionais, as expressões, os folguedos, quando os monumentais arranha-céus unificam a paisagem citadina, erguendo-se de sob os escombros da história e de casarios de pretenso valor artístico; quando nossa música popular se baseia por fim em melodias e temas universais, sobretudo ianques, abandonando ritmos de um desprezível folclore nacional; quando o misticismo hindu (e adjacentes) ilumina a alma dos jovens na fumaça da maconha alagoana; quando avançados ideólogos se esforçam para liquidar os princípios da mestiçagem e implantar o racismo entre nós, o branco, o negro e o amarelo, para que nada fiquemos a dever às nações realmente civilizadas e a violência marque nossa face, lavando-a da antiga cordialidade brasileira, sinal de atraso; quando a arte consciente de seu papel desconhece a terra e o homem e faz-se concreta, abstrata, objeto, igualzinha sem tirar nem pôr à européia, à norte-americana, à japonesa; quando criamos uma linguagem nova para a escrita dos literatos, esotérica mas extremamente revolucionária na forma e no conteúdo, tanto mais atuante quanto mais ininteligível; quando, na base da censura e da porrada, criamos a democracia, a verdadeira, não aquela antiga a conduzir o país ao abismo; quando entramos milagrosamente na época da prosperidade ao ritmo das nações ricas, produtoras de petróleo, de trigo, da bomba atômica e dos satélites, do uísque e das histórias em quadrinhos, ápi-

ce da literatura; quando passamos a ocupar nosso posto entre as grandes potências e, em fábricas aqui instaladas, produzimos veículos nacionais — Mercedes-Benz, Ford, Alfa-Romeo, Volkswagen, Dodge, Chevrolet, Toyota, etc. e tal e etc. e tal — como se atreve um autor a apelidar de marinete o *bus* a conduzir passageiros de Santana do Agreste para Esplanada e vice-versa? Um quadrado, o autor, perdido no tempo, nas calendas gregas.

Perdoe-me D'Alambert, perdoem-me também os eméritos críticos universitários, com mestrado e doutorado, mas, no caso, trata-se mesmo de marinete. A última talvez — a fazer companhia às secas, às epidemias, à obstinada fome que, sertão afora, resistem, subversivas, à patriótica ofensiva dos artigos e dos discursos.

A última, sem dúvida, a trafegar em estrada brasileira mas trafegando impávida. Jamais ultrapassando a velocidade de trinta quilômetros por hora — média obtida no trecho dos cuidados seis quilômetros que cortam a fazenda do coronel Vasconcelos, na saída de Esplanada. Nos outros quarenta e dois, arrasta-se aos trancos e barrancos pois a estrada é apenas carroçável e nela não se aventuram veículos modernos, não possuem para tanto audácia e competência. Só o longo hábito permite o prodígio cotidiano — de segunda a sábado, com descanso aos domingos — praticado pela marinete de Jairo, familiar das crateras, dos lamaçais, dos mata-burros apodrecidos, das rampas e curvas impossíveis. A marinete de Jairo data da Segunda Grande Guerra Mundial, foi viatura moderna, de molejo macio, bancos confortáveis e até possuía vidros nas janelas. Naquele então, por mais incrível que pareça, cumpria ela o trajeto de ida e volta, Agreste—Esplanada—Agreste, num só dia, saindo manhãzinha, regressando ao entardecer.

Tanto tempo depois ainda vale a pena vê-la, peça digna de museu, tudo nela é substituição e remendo. No motor e na carcaça coexistem peças de marcas e procedências as mais estranhas, inclusive um rádio russo. Engenhosas adaptações, inovações mecânicas, arames, pedaços de corda. Jornais velhos são úteis para tapar as janelas quando a poeira se faz insuportável. Os fregueses assíduos, experientes, levam almofadas para os bancos e lanches reforçados, garrafas de refrigerantes.

Velha e batida, imbatível, última e eterna, parte nas segundas, quartas e sextas de Agreste para Esplanada, nas terças, quintas e sábados regressa de Esplanada para casa. Bufando, tossindo, rateando, parando,

parando muito, ameaçando pane definitiva, jamais definitiva, prosseguindo em atenção à capacidade de Jairo, aos pedidos, juras e adulações — Jairo trata o desmantelado veículo com ternuras de amante, a marinete é seu ganha-pão, seu único bem e a única ligação entre Santana do Agreste e o mundo.

Se tudo marcha à perfeição, a viagem dura três horas, com a excelente marca de tempo de dezesseis quilômetros por hora. No inverno, com as chuvas, a travessia torna-se mais prolongada, de horário imprevisível. Exato na partida, Jairo não admite atraso; a chegada, quando Deus quiser. Já aconteceu a marinete de Jairo dormir na estrada, enterrada na lama, à espera de juntas de boi. Para tais ocasiões Jairo conta com razoável repertório de anedotas familiares e com a colaboração do rádio russo. Fanhoso, rabugento, indolente, de humor instável, com apitos e descargas, o insólito aparelho concorre para matar o tempo com fragmentos de músicas e notícias. Isso de passar a noite na estrada se conta nos dedos da mão, raridade. Habitualmente, no inverno, o trajeto demora de cinco a seis horas.

Boa viagem, confortável e rápida, pelo menos na opinião expressa pelo coronel Artur da Tapitanga, octogenário plantador de mandioca e criador de cabras, chefe político, há mais de trinta anos sem pôr os pés fora das roças e currais e das ruas de Agreste. Após quase sete horas de caminho — a marinete rebentou três vezes — o fazendeiro, pondo-se de pé, declarou:

— Bicho mais ligeiro, essa marinete de Jairo. Um viajão!

— Ligeiro, coronel?

— No meu tempo se gastava dois dias a cavalo e olhe lá...

Seca, bexiga, maleita, lepra e fome, menino morrendo que dá gosto, isso eu sei que ainda sobra sertão afora. Agora marinete, penso não existir outra além dessa de Jairo. Ele a trata de condessa, minha negra, estrela-d'alva, dengosa, Mae West, beleza do Agreste, meu amor. Quando se dana, perde a cabeça e a xinga de puta para baixo.